

**ENTRE UM GRAMÁTICO E UM ETIMOLOGISTA:
DE JOSÉ DE ANCHIETA A ISIDORO DE SEVILHA
O SIMPÓSIO NACIONAL
DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS⁴⁶**

Ilustres Colegas da Diretoria do CiFEFiL;

Ilustres representantes da Direção da Universidade Estácio de Sá;

Prezados ouvintes e demais participantes do VI SINEFIL:

A data da realização do Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos foi decidida a partir da criação da Medalha Isidoro de Sevilha de Destaque em Linguística e Filologia, com a qual foram condecorados mais de duas dezenas de filólogos e linguistas brasileiros na última década.

O nome da primeira medalha com que o CiFEFiL condecorou os filólogos e linguistas de destaque até 2011 se deve ao fato de Santo Isidoro de Sevilha, autor das *Etimologias*, ser o patrono da instituição, em escolha realizada logo nos primeiros anos de sua criação.

Coincidentemente, hoje, dia 2 de abril de 2014, a Igreja Católica está canonizando o missionário jesuíta, poeta, teatrólogo, professor e gramático José de Anchieta, como um exemplo de dedicação às causas da evangelização dos índios brasileiros.

É importante este fato histórico, assim como também me parece ser oportuno esclarecer que canonizar é termo utilizado no sentido de incluir alguma pessoa falecida no rol dos santos.

Santo, para a Igreja, é uma pessoa incluída no rol daqueles que podem ou devem ser tomados como exemplos na prática de vida cristã. Este título só é concedido a pessoas falecidas porque, mesmo tendo sido exemplar durante muito tempo, uma pessoa pode ser execrável em outras atividades de sua vida, ou não ter perseverado até o fim como exemplo de vida cristã.

⁴⁶ Fala de José Pereira da Silva na abertura do VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, no dia 02 de abril de 2014, em que São José de Anchieta seria canonizado, segundo anunciado na imprensa. Efetivamente, a canonização ocorreu no dia seguinte (dia 03 de abril).

Neste momento, queremos destacar as qualidades intelectuais e culturais de Anchieta, que se dedicou inteiramente às causas da cristianização dos índios, não somente pregando-lhes, divertindo-os no teatro, instruindo-os nas escolas e nas igrejas por onde passou, mas escrevendo obras de teatro, poesia, gramática etc., em português, espanhol, latim e tupi, criando e dirigindo escolas, além de ensinar nos seminários, onde eram formados novos sacerdotes para as causas do catolicismo.



A Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil foi publicada em 1595, em Portugal, e é o primeiro estudo descritivo de língua indígena brasileira, uma uniformização dos diversos dialetos da língua geral mais usada nas proximidades da costa brasileira.

A gramatologia da época seguia o padrão geral da gramática latina, fazendo as adaptações possíveis para a descrição da língua indígena. Tanto que, a gramática de Anchieta descreve a língua indígena em português, seguindo bem de perto os modelos da gramática latina, inclusive com exemplos em espanhol e em latim para explicar fatos do tupi.

Entre os intelectuais da época, era muito importante conhecer o latim, o grego e o hebraico, como base para os estudos clássicos e religiosos, assim como surgia a necessidade de descreverem as línguas dos povos que iam colonizar outras regiões (português, espanhol, francês etc.) e as línguas americanas e asiáticas encontradas por eles.

Mas, conforme nos lembra Navarro (2006),

se a gramaticalização das línguas vernáculas e se a renovação das gramáticas das línguas antigas eram um fato caracteristicamente renascentista, a obra de gramaticalização das línguas americanas, asiáticas e africanas seria fruto do trabalho missionário.

Ainda segundo Eduardo de Almeida Navarro, na obra citada:

Em dois aspectos Anchieta esteve presente na nova Babel dos tempos renascentistas e contrarreformistas: compondo epopeias latinas (algo típico de um humanista erudito) e fazendo uma gramática de uma língua indígena americana (coisa de missionário).

Aos 14 anos, em 1548, vai estudar no *Colégio das Artes*, um dos chamados “colégios das três línguas”, isto é, do latim, do grego e do hebraico. Seus poemas *De beata Virgine Dei Matre Maria* e *De Gestis Mendi de Saa* evidenciam sua excelência no uso do latim renascentista. (NAVARRO, 2006, p. 12)

Como missionário gramático, Anchieta haveria de refletir em sua *Arte* tupa sua vasta formação linguística, aperfeiçoada com seus mestres renascentistas. (NAVARRO, 2006, p. 13)



O jesuíta José de Anchieta escrevendo o "Poema à Virgem" enquanto era refém de indígenas no litoral brasileiro, em quadro de Benedito Calixto (Foto: Divulgação/Museu de Anchieta)

A gramática de Anchieta

Anchieta chegou ao Brasil em 1553, com a esquadra de Duarte da Costa, o segundo governador-geral. Passaria os primeiros anos em São Paulo de Piratininga, onde aprenderia a língua tupi e faria um esboço manuscrito de sua gramática já em 1555. Sua publicação, porém, somente ocorreria em 1595, quase no final de sua vida. (NAVARRO, 2006, p. 13)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O conhecimento do tupi foi considerado uma condição indispensável para a admissão de um candidato à Companhia de Jesus, condição fundamental para o bom êxito da catequese.

Já nas primeiras linhas do Capítulo I de sua obra, Anchieta utiliza termos latinos de permeio com formas portuguesas, o que ocorrerá ao longo de toda a sua gramática, hibridismo morfossintático que não é encontrado em outras gramáticas de sua época.

A explicação para isso seria o fato de a *Arte* de Anchieta ter sido escrita, originalmente, em latim. A publicação de 1595 seria uma tradução, na qual se percebe um texto latino original.

A verdade é que a *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* é uma das obras gramaticais mais originais de todo o século XVI.

Em Anchieta, a pretensa “regularização da língua pelo modelo da gramática latina” está ausente quase sempre, mesmo no capítulo destinado ao verbo em que se evidencia maior subordinação àquele modelo.

Embora educado no *Colégio das Artes* de Coimbra, onde recebeu a mais genuína cultura renascentista, e fosse considerado em sua época um grande latinista, Anchieta foi, talvez, o gramático missionário menos vinculado ao modelo latino de todo o século XVI. Ele foi um homem da Companhia de Jesus, escrevendo catecismos e poemas religiosos e místicos, e um homem do Renascimento, se levarmos em conta o latim em que suas obras épicas se vazaram. (Cf. NAVARRO, 2006, 17-18)

Anchieta foi, enfim, como conclui Navarro, “um homem situado muito adiante de sua época se considerarmos o valor de sua obra gramatical que é, sem dúvida, um dos maiores monumentos da linguística americana”. (NAVARRO, 2006, p. 18)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, J. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595)*. Apresentação de Carlos Drumond. São Paulo: Loyola, 1990.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Anchieta, um humanista e um gramático na babel do renascimento. *Revista Philologus*, ano 12, n. 35, p. 7-19, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/35/01.htm>>.